

Velhos Problemas, Novos Olhares: Etnografia sobre a Experiência de Futuros Doutores em Contabilidade

ALYNE CECILIA SERPA GANZ

Universidade Federal do Paraná

JOÃO PAULO RESENDE DE LIMA

Universidade de São Paulo

JUÇARA HAVEROTH

Universidade Regional de Blumenau

Resumo

Este estudo visa discutir a produção de conhecimento acadêmico-científico e refletir sobre os desafios enfrentados pelos estudantes dos cursos de doutorado em Contabilidade no Brasil. O presente estudo é instigado pela urgência de (re)pensar a pesquisa contábil e seu principal *locus* de produção – os cursos de mestrado e doutorado. A visão de estudantes que ainda estão no processo pode trazer *insights* importantes, pois nós estudantes ainda estamos passando pelo processo de socialização, o que nos possibilita uma visão de *insider* em alguns momentos e *outsider* em outros. Dentre as principais críticas à tradição positivista de pesquisa destacam-se o fetiche aos métodos econométricos, o distanciamento entre a pesquisa científica e a realidade profissional, e a crise de criatividade dos pesquisadores. Esta pesquisa então busca fazer um mergulho profundo (“*deep dive*”) destas questões, e busca apresentar novos olhares sob perspectivas que estão se perpetuando ano a ano em forma de crises e críticas sobre a pesquisa contábil brasileira, mas das quais soluções ainda parecem ser distantes. Como estratégia de pesquisa, optou-se pelo emprego de técnicas de pesquisa etnográfica, sendo que tais técnicas visam permitir ao pesquisador compreender e interpretar o contexto no qual se insere e se caracterizam como estratégias reflexivas que, em momentos específicos, utilizam o próprio pesquisador como sujeito de estudo. Para a construção de dados a serem analisados na pesquisa foram realizadas discussões entre o grupo de autores que permitissem o compartilhamento de experiências e reflexões sobre os temas elencados e discutidos, além da imersão e observação no campo. Adicionalmente, foram analisados pareceres avaliativos de periódicos, congressos e órgãos de fomento recebidos por estudantes de doutorado, caracterizando, assim, a construção de evidências por análise documental.

Palavras chave: Pesquisa contábil, Pesquisa crítica, Etnografia, Autoetnografia, Pós-graduação, Pesquisa qualitativa.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa científica na área de Contabilidade no Brasil enfrenta diversos desafios desde a implantação do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*, quando foi preciso provar para o Conselho Nacional de Educação que era possível realizar pesquisas científicas com o mesmo rigor de outras áreas (E. Martins & Iudícibus, 2007). Apesar de expressivos avanços terem ocorrido nas últimas décadas, alguns sinais apontam para a necessidade de aprofundamento nos aspectos qualitativos da pesquisa contábil, como o aprofundamento da discussão e da reflexão e uma maior atenção à teoria de base, além de propostas reivindicando uma melhor formação de futuros mestres e doutores, para que a pesquisa em contabilidade passe a figurar como uma área amadurecida e consolidada (Souza, Machado & Bianchi, 2011).

Desde a implantação dos primeiros cursos de mestrado e doutorado – principal *locus de* construção do conhecimento científico – a pesquisa contábil no Brasil tem passado por diferentes momentos. Inicialmente, na década de 1970, observou-se a ascensão da pesquisa normativa que visava resolver problemas intrinsecamente relacionados à prática (Iudícibus, Martins, & Carvalho, 2005). A partir da década de 1990, as pesquisas normativas reduziram o rigor metodológico, passaram a apresentar pouca criatividade e se tornaram a simples replicação de uma mesma problemática em diferentes setores (E. A. Martins, 2012).

A crise na pesquisa normativa possibilitou que, juntamente com outros fatores como a revolução tecnológica proporcionada pela internet e o desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro, a pesquisa positiva se tornasse uma alternativa interessante e viável, especialmente porque o *mainstream* estadunidense e europeu (sobretudo de inspiração anglo-saxônica) começava a se consolidar nessa tradição de pesquisa (E. A. Martins, 2012; Mendonça Neto, Riccio, & Sakata, 2016). Com isso, teve início por volta da década de 1990, a tradição de pesquisa positivista no Brasil. Mas mesmo essa tradição, apesar de relativamente recente, passou a ser alvo de críticas mais recentemente.

Dentre as principais críticas à tradição positivista de pesquisa destacam-se o fetiche aos métodos econométricos, como destacado por Martins (2005, p. 3) “[...] o domínio da estatística e da matemática capazes de comprovar ou não hipóteses passou a ser tão importante (às vezes mais, infelizmente) quanto o conhecimento da Contabilidade propriamente dita”. Critica-se, ainda, de forma veemente, o distanciamento entre a pesquisa científica e a realidade profissional. Mais recentemente, discute-se a crise de criatividade dos pesquisadores que fazem contribuições cada vez mais marginais e menos significativas para a área (Iudícibus & Martins, 2015), o que parece ser reflexo de questões ainda não compreendidas na contabilidade.

Esta pesquisa busca fazer um mergulho profundo (“*deep dive*”) destas questões, e busca apresentar novos olhares sob perspectivas que estão se perpetuando ano a ano em forma de crises e críticas sobre a pesquisa contábil brasileira, mas das quais soluções ainda parecem ser distantes. Assim como no Brasil, outros países têm passado pelas mesmas crises, sendo comum o questionamento: A pesquisa contábil está estagnada ou atingimos um estágio de maturidade a ponto de considerarmos que temos um ou mais paradigmas na pesquisa contábil? (Chua, 1986; Beattie & Davie, 2006; Moser, 2012; Rebele & St. Pierre, 2015).

Apesar de diferentes prismas sobre essa discussão terem sido levantadas, acreditamos na primeira suposição, e discutimos neste artigo os nossos entendimentos e porquês. Moser (2012) e Rebele e St. Pierre (2015) também apontam indícios de uma possível estagnação, afirmando que a grande maioria das pesquisas continuam tratando dos mesmos assuntos e utilizando os mesmos paradigmas, metodologias e métodos de análises e teorias.

Dentre as principais causas da estagnação Moser (2012) destacam-se duas: o sistema de incentivos nas universidades para concederem a posição de *tenure*, dando grande importância

à publicação nos chamados *top journals* que, muitas vezes, publicam apenas sobre os mesmos assuntos; E como os novos estudantes de doutorado vem sendo formados, visto que “Too often, faculty advisors clone themselves” (Moser, 2012, p. 847). Em conjunto, ambas as condições levam a um círculo vicioso e inibem os novos pesquisadores de pensar de maneira inovativa, propor o estudo de temas de relevância social que falem com as pessoas (Courpasson, 2013), mesmo que localmente referenciados, e promover ou contribuir de fato para a construção das mudanças na contabilidade.

A clonagem acadêmica para Moser (2012) consiste em impor a mesma agenda de pesquisa e visão de mundo do orientador aos seus orientados, e que de forma geral não parece ser difícil de encontrar nos programas de pós-graduação. Além disso, outro ponto destacado por Moser (2012) é o fato de que a maioria dos pós-graduandos cursam as mesmas disciplinas de métodos quantitativos, estatística e economia o que os deixa menos expostos a outros paradigmas, inibindo a sua capacidade de criatividade e originalidade.

Sobre a importância de dar atenção para as propostas da nova geração de pesquisadores em Contabilidade Granof e Zeff (2008) afirmam:

Esperamos fervorosamente que o pêndulo de pesquisa volte em breve das linhas estreitas de pesquisa que dominam os principais periódicos da atualidade para uma redescoberta da riqueza do que a pesquisa em contabilidade pode ser. Para que isso ocorra, **os reitores e a atual geração de contadores acadêmicos devem dar um empurrãozinho.** (Tradução própria do trecho original; Grifos nossos).

Observamos e destacamos, dessa forma, que um dos possíveis problemas geradores da estagnação da pesquisa é a própria formação dos estudantes de doutorado. No processo de formação de pesquisadores, não exclusivamente em Contabilidade, mas nas mais diversas áreas, tem sido considerado um problema a falta do ensino de filosofia da ciência e de epistemologia aos estudantes de doutorado. Diante disso, é possível inferir que uma das medidas necessárias para mudarmos o cenário é rever a formação oferecida pelos cursos implementando disciplinas que priorizem o ensino de contabilidade, história da contabilidade e pensamento contábil e não apenas o ensino de métodos quantitativos e estatística (Basu, 2012; Moser, 2012). Seria uma volta às origens.

Apesar de que os estudantes de doutorado e os novos doutores exerçam um importante papel na busca por uma mudança de cenário, existem alguns desafios a serem enfrentados. Destes, destacam-se as barreiras institucionais como o alto número de créditos a serem cursados em disciplinas (Lima, Vendramin & Casa Nova, 2018), a baixa autonomia na escolha das disciplinas a serem cursadas (Moser, 2012), as pressões por publicação (Altoé, Fragalli & Espejo, 2014), a escassez de recursos financeiros para a realização e divulgação de pesquisas e todo um ambiente institucionalizado – formado por pares, docentes, avaliadores e editores de revistas, revisores – sobre o que é a pesquisa contábil (Hopwood, 2007; Merchant, 2010; Moizer, 2009) e como esta deve ser seguida à risca no passo a passo para se chegar a um resultado final aceitável.

Diante desse contexto, este estudo visa discutir a produção de conhecimento acadêmico-científico e refletir sobre os desafios enfrentados pelos estudantes dos cursos de doutorado em Contabilidade no Brasil. Para tanto, optou-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa ancorada na tradição de pesquisa crítica. Como estratégia de construção de dados a etnografia, a partir da reflexão de duas doutorandas e de um doutorando, de diferentes universidades, com diferentes experiências acadêmicas e em áreas de atuação na pesquisa contábil distintas. O leitor e a leitora que pegarem esse artigo podem estranhar sua estrutura, pois devido à natureza etnográfica da pesquisa escolhemos discutir nossas experiências e observações ao mesmo tempo em que fazemos a revisão de literatura, dessa forma, o presente artigo possui quatro seções iniciando-se nessa introdução. A segunda seção apresenta nossa trajetória

metodológica, enquanto na terceira são apresentados os resultados e discussões e por fim nossas considerações finais.

O presente estudo justifica-se com base na urgência de (re)pensar a pesquisa contábil e seu principal *locus* de produção – cursos de mestrado e doutorado. A visão de estudantes que ainda estão no processo pode trazer *insights* importantes, pois nós estudantes ainda estamos passando pelo processo de socialização, o que nos possibilita uma visão de *insider* em alguns momentos e *outsider* em outros. Estudos acerca dos cursos de doutorado em contabilidade têm crescido ao redor do mundo todo (Fox, 2018; Pelger & Grottke, 2015; Raineri, 2013, 2015) mas ainda se mostram em baixo número – principalmente no contexto brasileiro.

Apesar de que o curso de doutorado em Contabilidade no Brasil tenha se expandido apenas a partir de 2007, e assim ser consideravelmente novo, os programas se espelham a outros e acabam “seguindo o fluxo”, esquecendo ou inibindo seus próprios méritos e capacidades. Sendo assim, espera-se que estudar doutorandos e apontar fragilidades percebidas na atual situação da pós-graduação no Brasil seja útil, tanto na perspectiva de construção de uma área melhor e mais forte, como na expectativa de superar a estagnação que hoje parece latente. Além disso, o Brasil é um país tão grande, com uma herança linguística tão particular e com tantas temáticas tão próprias que a pesquisa contábil brasileira teve o privilégio (ou a condição) de durante muito tempo olhar apenas para si mesma. Essa internacionalização tardia da área de pesquisa pode ter preservado, em certo sentido, uma forma de ser e pensar a pesquisa própria e temáticas ainda relacionadas com a realidade desse país continental. Quem sabe ainda há tempo de recuperar a nossa jabuticada contábil?

Assim como apontado por Basu (2012), além de criativos, sugere-se que os pesquisadores da área devem dar mais importância para as implicações práticas das pesquisas do que para a significância estatística dos resultados, e que assumam uma postura mais ativa. Diante de toda a pressão de reinvenção das pesquisas e necessidade de criatividade, as cobranças que sofrem os doutores e doutoras em formação e os recém-formados têm sido cada vez maior. No entanto, pouco espaço tem sido dedicado para discussões que elevem a contabilidade a um novo patamar, como a produção de uma teoria própria, por exemplo. E isso é o que queremos fomentar, iniciando por essa proposta de um começo de conversa. Será que a área está madura para uma conversa difícil?

*Primeiro, no momento em que eu estou criando a visão do negócio, se as pessoas não discordarem de mim, se eu estiver errado, é terrível.
(fala de um CFO sobre a necessidade de ter espaço para a boa briga)*

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Para atingir o objetivo proposto foi adotada a abordagem qualitativa ancorada na tradição crítica de pesquisa. Tal abordagem se justifica no objetivo que é refletir e significar experiências vividas pelas pessoas que participaram da pesquisa (Denzin & Lincoln, 2005). Já a tradição crítica de pesquisa justifica-se no fato de que, ao refletir e significar essas experiências, as autoras e o autor discutem acerca das estruturas que envolvem a academia contábil, o jogo de poder intrínseco de algumas atividades e a marginalização de alguns tópicos e métodos (Abbott, 2001; Gendron, 2018).

Como estratégia de pesquisa, optou-se pelo emprego de técnicas de pesquisa etnográfica, sendo que tais técnicas visam permitir ao pesquisador compreender e interpretar o contexto no qual se insere e se caracterizam como estratégias reflexivas que, em momentos específicos, utilizam o próprio pesquisador como sujeito de estudo (Boje & Tyler, 2008). Tal estratégia de pesquisa permite, a partir da imersão e observação no campo, entender e analisar um ambiente específico como organizações – ou no caso do presente trabalho, a academia (Haynes, 2011). A pesquisa autoetnográfica permite ainda a análise de si mesmo, de suas identidades, emoções e experiências como histórias influenciadas por estruturas culturais e

sociais (Ellis & Bochner, 2000), ao passo que a pesquisa etnográfica permite o aprofundamento acerca do contexto organizacional (Jaime Junior, 2003).

No campo das Ciências Sociais, as autoetnografias versam sobre diferentes assuntos, como identidades culturais, gênero, sexualidades (Johnson & Eaves, 2013; Luckett, 2017); gestão de pessoas (Collins, 2017); empreendedorismo e liderança (Kempster & Gregory, 2017), dentre outros. Diferentes assuntos podem ser desenvolvidos a partir de diferentes perspectivas, mas também há uma constelação, nem sempre integrada e comunicante, de conceitos metodológicos (Araujo & Davel, 2018), visto que não existe um consenso sobre o que é a etnografia e suas variações (Jaime Junior, 2003).

Especificamente na contabilidade a pesquisa etnográfica se mostra um método pouco utilizado. Dessa forma, ao adotar essa estratégia de pesquisa, o trabalho apresenta uma inovação metodológica (aquelas novas perspectivas necessárias!). Dentre os trabalhos que utilizaram tal estratégia de pesquisa destacamos Haynes (2011) que explora as possibilidades da pesquisa autoetnográfica como uma estratégia de pesquisa reflexiva; Malsch & Tessier, (2015) que abordam a influência dos *rankings* de periódicos e marginalização de periódicos de contabilidade no processo de construção da identidade acadêmica; Botes (2018) que reconta e analisa os desafios da implementação da diversidade nos cursos de contabilidade; e Fox (2018) que analisa o processo de socialização de estudantes de doutorado em contabilidade.

Para a construção de dados a serem analisados na pesquisa foram realizadas discussões entre o grupo de autores que permitissem o compartilhamento de experiências e reflexões sobre os temas elencados e discutidos, além da imersão e observação no campo. Adicionalmente, foram analisados pareceres avaliativos de periódicos, congressos e órgãos de fomento recebidos por estudantes de doutorado, caracterizando, assim, a construção de evidências por análise documental. Visando preservar o anonimato das experiências utilizamos o Discurso do Sujeito Coletivo, ou seja, o discurso de todas as pessoas participantes e as autoras e o autor são reconstituídos como o discurso de uma entidade empírica coletiva (Lefevre & Lefevre, 2007).

As nossas experiências e discussões são complementadas por trechos de entrevistas realizadas com gestores de uma empresa focada em educação, sendo que o tema central das entrevistas é o mesmo que discutimos nesse artigo: processos e necessidades de mudanças. Sendo produtoras de conhecimento e conteúdo, a academia e a empresa se aproximam e se distanciam. O contraponto que fazemos entre teoria e prática aparece então nas práticas cristalizadas da academia e na fluência e flexibilidade adotados pelos gestores da empresa para promover uma mudança orgânica. E nos faz pensar: Afinal qual é o negócio da academia?

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

As seções de análise foram divididas em tópicos que levantam as questões mais discutidas entre nós enquanto autores e pesquisadores e que, de alguma forma, nos motivaram a realização da pesquisa. O primeiro tópico discute as questões relacionadas a formação do doutor e da doutora e do futuro doutor e da futura doutora em contabilidade, discutindo cenário, barreiras e perspectivas futuras.

No mesmo sentido, no tópico de “Isso não é Pesquisa Contábil” discute-se as dificuldades de quem quer sair do padrão e discutir a multidisciplinariedade na contabilidade, mas pode enfrentar algumas dificuldades, como uma ideia fixa de contabilidade pode gerar preconceitos acerca de novos métodos e teorias. O terceiro tópico, “Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos”, apresenta discussão sobre pareceres a artigos submetidos e as efetivas contribuições (ou falta de) proporcionadas pelos mesmos. O quarto tópico discute questões

acerca do financiamento das pesquisas e do pesquisador que é um tópico que está presente no cotidiano dos programas de pós-graduação, dos estudantes e dos próprios pesquisadores.

3.1. FORMAÇÃO DO (FUTURO) DOUTOR E DA (FUTURA) DOUTORA EM CONTABILIDADE

De novas gerações geralmente o melhor se espera. Essa afirmação é especialmente verdade quando aplicada às expectativas que criamos sobre como serão os novos cientistas contábeis, vulgo, os novos professores e pesquisadores, visto que a grande maioria dos cursos da área são de doutorado acadêmico. É nesse contexto que nos encontramos discutindo a ciência contábil e formação na pós-graduação.

Conforme apontado por Granof e Zeff (2008) e Moser (2012) a nova geração de pesquisadores da área contábil carrega uma grande responsabilidade e uma grande esperança de renovação da área de pesquisa. Porém, para alcançar essa renovação é preciso repensar a formação dos estudantes de doutorado em Contabilidade (Moser, 2012; Basu, 2012). Diversos estudos já analisaram os componentes didáticos pedagógicos dos cursos de mestrado e doutorado na área de contabilidade e afirmam categoricamente: os cursos servem para formar pesquisadores e não professores (Andere & Araujo, 2008; Laffin & Gomes, 2016; Lima, Oliveira, Araújo, & Miranda, 2014).

Para ser professor, o indivíduo deve conhecer e ter domínio sobre as práticas contábeis, mas também precisa conhecer a arte de ensinar (Andere & Araujo, 2008). É necessário desta forma o envolvimento do futuro docente com pesquisas e questões ligadas a educação e, além disso, é importante garantir uma boa formação pedagógica atrelada sua formação técnica. Sendo assim, e observando o crescimento da oferta dos cursos de graduação e pós-graduação no Brasil em Ciências Contábeis, verifica-se a importância em compreender como ocorre essa formação (Andere & Araujo, 2008).

Observa-se que apesar de se apontar para uma grave brecha na perspectiva formação enquanto professor, a formação do pesquisador também apresenta algumas rachaduras. Ser um pesquisador está condicionado à conclusão de uma disciplina de metodologia de pesquisa e pela escrita de uma dissertação/tese, sendo que assim não se avaliam outros aspectos importantes para a formação enquanto pesquisador. O pesquisador precisa ter, no mínimo, uma perspectiva sobre as áreas pelas quais pode navegar. E, infelizmente, hoje os cursos de pós-graduação apresentam limitações quanto ao cardápio de disciplinas ofertadas. Isso pode ser decorrente de uma fragilidade na formação do corpo docente. Mas já é hora dessas fragilidades serem apontadas e endereçadas por meio de processos de formação em pós-doutorado com propostas específicas de formação em epistemologia, filosofia da ciência, paradigmas alternativos de pesquisa, métodos qualitativos de pesquisa, pesquisa interpretativa e crítica. Mais recente a Capes sinalizou a necessidade de disciplinas de métodos qualitativos para os programas da área de negócios, logo podemos esperar que os programas corram atrás do prejuízo, mas tal situação levanta o debate: até quando ficaremos limitados a seguir o regulador?

Martins (2012) analisa a formação do pesquisador nos programas de pós-graduação em Contabilidade no Brasil e mostra um cenário semelhante ao apontado por Basu (2012) de que o número de disciplinas de métodos quantitativos supera as de Teoria Contábil. Relatando que, por vezes, deixam-se a margem disciplinas importantes, como é o caso de métodos qualitativos (Martins, 2012), tão necessária para a formação de uma mente crítica e analítica, visto que desenvolve a capacidade de análise e, desta forma, aproximaria a melhores condições sobre “porquê” e “para quem” pesquisamos, o que parece uma condição distante.

Outro ponto destacado por Martins (2012) é de que poucos programas oferecem a disciplina de Epistemologia da Pesquisa que – em teoria – discute mais profundamente questões filosóficas relacionadas à pesquisa, questões igualmente necessárias e fundamentais

para a formação de uma mente científica. É importante ressaltar que esse cenário não influencia apenas a formação dos novos pesquisadores, mas influenciou e moldou o modo de pensar e pesquisar de gerações anteriores, que hoje não só formam novos pesquisadores e professores, mas também realizam avaliações para órgãos de fomento, de propostas de pesquisa para financiamento, para periódicos e para eventos científicos da área, de artigos.

Destaca-se, ainda, que apesar de muitos trabalhos tratarem a formação dos futuros profissionais de contabilidade por meio da expectativa do mercado de trabalho, da análise curricular e demais aspectos de formação, são poucos e raros os trabalhos que lidam e discutem a formação dos estudantes de pós-graduação. As questões levantadas aqui são importantes, mas permanecem tão submersas na endogenia de pensamento e formação, que a preocupação que nos assola, enquanto jovens doutores, refere-se à possibilidade de que dure por muito tempo essa restrição de interesses e agendas de pesquisa, de modo que a contabilidade permaneça estagnada e sigamos cumprindo o destino de sermos clones daqueles que vieram antes de nós.

Enquanto doutorandos, e com base em nossas perspectivas de carreira como professores e pesquisadores, nos questionamos sobre nossa (sub)existência em um sistema que necessita de contínuo aperfeiçoamento. Ressaltamos que o que é considerado certo hoje, pode já não ser amanhã, e essa evolução precisa ser acompanhada também dentro da construção da ciência contábil. Novas abordagens nos trariam novas possibilidades que complementadas por um ambiente cordial e colegial nos ajudaria a produzir conhecimentos mais significativos.

Outro ponto de nossa formação que é usualmente esquecido é a questão da orientação acadêmica, visto a partir do momento que obtemos o título de doutor e de doutora estamos aptos a orientar novas gerações de estudantes. Casa Nova (2014) destaca que, muitas vezes, essa discussão é renegada e que a atividade acaba por se aprender na prática e que recomenda que os novos orientadores e orientadoras iniciem suas atividades como co-orientadores para que possam aprender com a experiência de outras pessoas. O trabalho de Lima et al. (2017) mostra que o aprender a ser orientador ocorre a partir das experiências como orientado e, dessa forma, aprende-se a orientar “pelo amor ou pela dor”, uma vez que se orienta como foi orientado ou como gostaria de ter sido.

Em nossas experiências observamos diversos estilos de (des)orientação: reuniões semanais, reuniões quinzenais, orientações em grupo, provocações e reflexões entre aluno e orientador(a). Mas uma discussão importante acerca dos estilos de orientação é levantada por Costa, Sousa, e Silva (2016, p.843): “dar autonomia ao orientando é diferente de não orientar”. É importante que os orientadores e orientadoras entendam que o combinado não sai caro. Assim, destacamos a importância de que exista um acordo claro de expectativas entre as partes. Desenvolver a autonomia do orientando pode ser difícil. Contudo, é imprescindível para a formação dos futuros doutores e doutoras que esse processo aconteça e que não seja na base do abandono, da humilhação ou do abuso moral.

As questões levantadas nessa discussão baseiam-se na indagação: “Como podemos nós, futuros doutores e pesquisadores nos espelhar em exemplos quando estes não representam os modelos pelo qual gostaríamos de nos orientar a longo prazo?” Tal discussão é uma das principais questões concernentes à construção de nossas identidades e, conseqüentemente, de como entendemos o mundo, a academia e como gostaríamos que a academia fosse. A formação fragilizada em diversos aspectos acaba resultando em um começo de carreira conturbado marcado pela insegurança e pela repetição de modelos positivos ou negativos. Dessa forma, enquanto mantivermos esse *status quo* de formação acadêmica, continuaremos cometendo os mesmos erros que tanto reclamamos durante nossa vida discente. E às vezes o faremos simplesmente porque não sabemos como fazer algo melhor. Será que estaremos prontos para a boa briga? Será que estaremos prontos para formar a geração que virá depois de nós?

Não ter medo da boa briga, sabe. Daquela briga que é para construir. Tipo, se eu tiver errada, me abra os olhos, me abra [os olhos] mostrando o porquê. Com bons argumentos. Mas, não me deixa cega. E para isso, às vezes, a gente até briga. Mas, assim, brigue comigo. Agora, eu vejo por aí um monte de gestor que quer só que as pessoas concordem. Eu acho a coisa mais ignorante do mundo. Porque é na boa briga e com uma boa intenção em comum de todo mundo em fazer o que é melhor que a gente vai chegando juntos a construir isso. [fala de uma gestora de pessoas sobre a importância da boa briga para construir]

3.2. “ISSO NÃO É PESQUISA CONTÁBIL”: ENFRENTANDO PRÉ-CONCEITOS ACADÊMICOS

Foi o tempo em que a contabilidade era utilizada apenas para cálculos de riqueza, com operações sigilosas e com um único interessado (Fragoso, Ribeiro Filho & Lobonati, 2006). Hoje, as informações advindas da contabilidade incorporam os mais diversos campos de conhecimento, em busca de compreender as mudanças no cenário e compartilhar os conhecimentos adquiridos. No entanto, esse é um processo complexo e que traz necessidades como romper fronteiras ou limites disciplinares (Fragoso, Ribeiro Filho & Lobonati, 2006). Assim, sendo, as pesquisas científicas precisam de discussão sobre seu alicerce e suas inspirações para inovações futuras.

Pesquisas atuais tem sido derivadas, principalmente, das tradições positivistas e pós-positivistas e é nessa perspectiva que, atualmente, está instalado no âmbito acadêmico um “modelo científico”. Pesquisas que não se encontram dentro dos moldes deste modelo, por vezes, não são reconhecidas como conhecimento científico de fato, mesmo que possuam contribuições relevantes para área (Iudícibus et al., 2011). Esse problema tem relação com adotar os critérios de qualidade de um paradigma de pesquisa para analisar propostas que se alinham a outro paradigma. E tem implicações importantes para aqueles que impõe esse modelo como o único válido, sem sequer buscar (in)formações sobre paradigmas alternativos.

Para Iudícibus et al. (2011), essa orientação quanto ao “modelo ideal”, termina por influenciar os pesquisadores, que se juntam em torno do que imaginam ser “uma escola científica e de pesquisa”, relegando para plano inferior ou secundário tudo que não assumir o modelo ou o método matemático para denotar os achados e, especialmente, os sentidos derivados dos achados. Esse cenário acarreta no empobrecimento, dificuldade e declínio do potencial da ciência e pesquisas, ao invés da inovação, que é conseguida, em suma, saindo da nossa zona de conforto, das famosas “caixinhas” ou “igrejas”.

Kuhn já antecipava o problema de sairmos da caixinha ou igreja que representa nossa zona de conforto em termos de instrumentos para entender o mundo e desenvolver a pesquisa.

Embora as crises prolongadas provavelmente deem margem a práticas educacionais menos rígidas, o treino científico não é planejado para produzir alguém capaz de descobrir facilmente uma nova abordagem para problemas existentes. [...] Desse modo, no seu estado normal, a comunidade científica é um instrumento imensamente eficiente para resolver problemas ou quebra-cabeças definidos por seu paradigma.

Ao propor seu modelo, que inclui a ciência normal e as revoluções científicas, refere a problemas trazidos pelo treino científico:

Trata-se certamente de uma educação rígida e estreita, mais do que qualquer outra, provavelmente - com a possível exceção da teologia ortodoxa. Mas para o trabalho científico normal, para a resolução de quebra-cabeças a partir de uma tradição definida pelos manuais, o cientista está equipado de forma quase perfeita.

Além do “modelo ideal” da tradição positivista, existem pesquisadores que possuem uma visão estreita do que é a contabilidade. Segundo Hopwood (2007) tais pessoas existiam antigamente e, infelizmente, ainda existem. Hopwood (2007) destaca, ainda, quão erradas

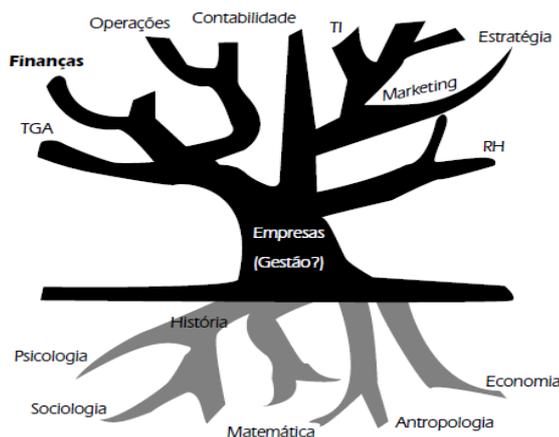
estão tais pessoas que tentam manter o *status quo* na área de pesquisa tentando confinar o “novo” dentro das fronteiras do “velho”.

Farias e Farias (2014) destacam que há um perceptível interesse da área contábil em gerar conhecimento científico como em outras ciências mais desenvolvidas. Porém, quando estudos inovadores são incorporados em um grupo de pesquisa, ou na sala de aula, estudos estes que retratam a conexão da contabilidade com uma outra área de conhecimento, nem sempre essa proposta é vista com bons olhos pelos pesquisadores “tradicionais”. Por exemplo, abordar teorias psicológicas, sociológicas, matemáticas, filosóficas, ao invés das teorias tradicionais de gestão e negócios, parece não garantir um bom apreço.

Assim, as pesquisas científicas na área precisam possuir impacto indiscutível na realidade prática e/ou ser amplamente aceitas na comunidade científica (Farias & Farias, 2014). No entanto, como podem pesquisas que busquem novas associações e avanços na área serem publicadas se a “comunidade científica” não aceita nada fora do “modelo científico” desenvolvido e institucionalizado no meio acadêmico? Os autores testemunharam muitas pesquisas com alto potencial, inovadoras, multidisciplinares, com assuntos de alta relevância, que despertam o interesse do leitor/pesquisador, serem reprovadas quando submetidas a congressos e periódicos por não se enquadrarem na estrutura a que a comunidade está acostumada. Há diversos casos de pesquisa recusadas em eventos e periódicos nacionais e que foram abraçadas e aninhadas em fóruns de discussão internacionais. Até quando teremos que nos sentir estrangeiros em nossa própria terra e levar nossos temas para serem discutidos alhures ao invés de receberem atenção e contribuição de nossa própria comunidade?

Este pensamento institucionalizado no ambiente acadêmico, além de retardar o avanço da área, é incoerente, uma vez que há diversas discussões da importância de outras áreas para a construção da contabilidade. Mintzberg (2006) destaca que, no que se refere as raízes da contabilidade, estas são advindas de áreas diversas (ver Figura 1). Então, por que quando pesquisamos temas interligados com outras áreas, avaliadores e revisores destacam que “isso não é pesquisa contábil”?

Figura 1 – Bases e ramificações da contabilidade



Fonte: Murcia & Ambrósio (2006)

Ainda, tratando da estrutura das pesquisas contábeis, merece destaque a interdisciplinaridade supra explorada e mal compreendida e o pensamento limitado quanto aos métodos estatísticos e aspectos metodológicos. Farias e Farias (2014) destacam que

Ao se admitir que é possível entender e explicar o que ocorre na realidade, delimitada por um determinado campo como o contábil, a tarefa passa ser, então, a elaboração de um método que permita o acesso à realidade. Um acesso além do

senso comum, da simples observação ou mesmo de uma pesquisa empírica pura, que se presta apenas a reunir dados a partir de alguns conceitos elementares.

No entanto, o que erroneamente acontece demasiado na área é entender o “método que permita o acesso à realidade” como um método estatístico, quando o que se está implícito é o método de pesquisa, sendo qualitativo, quantitativo, analítico, crítico, filosófico, exploratório, entre outros. A contabilidade financeira é em si a que mais se beneficia e utiliza os métodos estatísticos, matemáticos e econômicos para realização das suas pesquisas - coincidentemente é a área de maior prestígio na contabilidade. Contudo, em muitos casos não se possui fundamento teórico ou teorias que embasem as pesquisas e relações propostas, originando, por vezes, pesquisas que apresentam meras associações entre variáveis (Holthausen & Watts, 2001).

Sem mencionar o fator ético e a profundidade dos conhecimentos quantitativos que os pesquisadores da área possuem para explorar e aprofundar o tratamento da base de dados utilizada até que estas “regurgitem” o que se espera para responder ao objetivo da pesquisa, perdendo, neste meio tempo, a vinculação com a explicação dos fatos contábeis que se buscava interpretar. Mesmo que o uso dos métodos quantitativos seja correto, ainda pode-se ter ambiguidade na interpretação dos resultados (Healy & Palepu, 2001). Iudícibus e Martins (2015) comentam que para verificar as efetivas contribuições destes estudos precisar-se-ia de vários especialistas em epistemologia, com a capacidade de realizar tais verificações. No entanto, pouca atenção é despendida para discussões e disciplinas acerca de epistemologia e filosofia da ciência.

Ao encontro destas discussões, apresenta-se na literatura e no processo de escrita das dissertações e teses, a necessidade de uma teoria como parte do método científico (Farias & Farias, 2014). Porém, os artigos, mesmo os que são frutos das dissertações e teses, dificilmente apresentam a teoria de base, mesmo que está esteja implicitamente suportando a pesquisa. Adicionalmente, Iudícibus e Martins (2015) apontam para um sentimento de preocupação com a utilização e desenvolvimento de uma teoria contábil quase que exclusivamente por parte dos reguladores e normatizadores, enquanto os acadêmicos, assombrados pelas cobranças com publicações, desenvolvem pesquisas rasas e de cunho quase estritamente metodológico.

Por fim, tem-se as áreas da contabilidade desenvolvendo pesquisas de forma individual, ou seja, abordando suas próprias temáticas. Iudícibus e Martins (2015) destacam que nunca os pesquisadores pesquisaram tanto e tão diversamente como nos últimos tempos, principalmente após 2010. A indagação é, no entanto, será que se sabe com certeza tudo que se pesquisa? Iudícibus e Martins (2015) destacam sobre isso que

Todavia, a impressão puramente pessoal que se tem é que, salvo raras exceções, as contribuições ao avanço real da ciência contábil são poucas e muitas vezes se notam pesquisas semelhantes com resultados contrastantes [...]. Há centenas, milhares de pequenos acréscimos de conhecimento, mas não sabemos em que direção está indo o saber científico global.

É de conhecimento geral que a contabilidade como ciência social aplicada possui como objetivo a garantia de informações úteis para a tomada de decisões dos diversos usuários (Fragoso, Ribeiro Filho & Lobonati, 2006), sendo assim de extrema importância no mundo dos negócios. No entanto, por mais que a academia busque teorias para explicar a prática contábil parece haver um abismo entre a teoria e a prática. Normativos e reguladores dedicam suas ações e intenções para padronizar, regulamentar e relatar todos os acontecimentos práticos da contabilidade, enquanto os acadêmicos continuam vivendo sob uma visão teórica-paralela, desenvolvendo pesquisas para si mesmos.

Em nossa experiência é comum ouvir comentários de colegas e professores questionarem: “Mas onde está a contabilidade nessa pesquisa?” “Por que você não desenvolve

a sua tese na faculdade de educação?” “Então, quer dizer que você também pesquisa essas ‘fuleiragens’ de gênero?” Além dos questionamentos são comuns rótulos e dizeres como “pesquisa educação porque não entende nada de contabilidade, controladoria ou finanças” e até mesmo críticas disfarçadas de elogio “você tem potencial demais para ficar desperdiçada(o) nessa sua linha de pesquisa, troca para minha que eu dou jeito na tua vida”.

Constantemente, o ambiente acadêmico nos ensina que não precisamos mudar o mundo com nossas pesquisas, mas que o objetivo dessas é contribuir com pequenos avanços para a construção do conhecimento. Mas será que com a visão de pequenos avanços não estamos fazendo apenas pequenos progressos? Estamos, cada qual em seu quadrado, segregados em defesa constante das nossas próprias áreas, interesses e preferências de pesquisa. Mas qual é a nossa efetiva contribuição para a prática contábil?

3.3. “LIVRAI-VOS DOS CÃES DE GUARDA METODOLÓGICOS”

Então, a gente desincentiva o ‘sempre foi assim’. Incentiva o ‘erro honesto’. Que é aquele erro bem-intencionado, não recorrente também, não errar a mesma coisa toda vez, mas, às vezes, até assumindo um risco em prol de você ter acreditado que aquilo fazia sentido. [fala de uma gestora de pessoas sobre a importância de questionar, dos erros honestos, de assumir riscos].

Alguns temas novos estão aparecendo aos poucos nos periódicos contábeis. Diversos são os motivos que dificultam novas temáticas de aparecem constantemente nos periódicos, sendo o maior deles o conservadorismo dos editores e avaliadores. Segundo Moizer (2009) o processo de publicação nas ciências sociais tem evoluído para uma espécie de jogo no qual três *players* se destacam – os autores, avaliadores e editores – e tal jogo tem dificultado e restringido as publicações nos melhores periódicos chegando a taxas de rejeição de 90%.

Moizer (2009) afirma que nesse jogo cada *player* exerce um papel de acordo com seus interesses. Ainda segundo o autor, os pesquisadores têm interesse em publicar o resultado de suas pesquisas por ser um instinto natural do ambiente acadêmico, sendo essas publicações (e sua qualidade), por vezes, relacionadas a recompensas financeiras e progressão profissional. No caso dos editores, o interesse é publicar trabalhos de alta qualidade, visto que, ao contrário dos avaliadores, o nome do editor é público e relacionado ao periódico. Dessa forma, a qualidade e reputação do periódico acaba refletindo diretamente no editor. Por fim, no caso dos avaliadores, Moizer (2009) afirma que é o caso mais problemático entre os três, pois os incentivos financeiros são ínfimos e, ao contrário, do editor sua identidade é mantida em segredo. No entanto, como parte essencial do processo, avaliadores têm imenso poder, de agir como *gatekeepers*, e impedir o acesso de trabalhos e propostas à uma audiência mais ampla.

Além dos pontos levantados por Moizer (2009) sobre o papel dos avaliadores é importante ressaltar que, apesar de diversos artigos discutindo a temática de como fazer boas revisões/avaliações para periódicos, são poucas e recentes as iniciativas que visam fortalecer a formação específica para tal função. No caso brasileiro especificamente vale a pena lembrar que a formação de tais avaliadores, em muitos casos, não abrangeu uma formação em métodos qualitativos e em outras tradições de pesquisa que não a positivista. Dessa forma, como já colocado, trabalhos que adotam novas abordagens muitas vezes são rejeitados por falta de conhecimento, pela utilização de critérios de qualidade de outros paradigmas, ou pelo fato dos avaliadores confundirem rigidez e rigor, tornando-se assim “cães de guarda metodológicos”. Bourdieu (2002, p. 26) destaca:

Em suma, a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história. Apetecia-me dizer: “É proibido proibir” ou “Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos”.

Com base em nossa experiência como pesquisadores em desenvolvimento já realizamos algumas submissões e obtivemos pareceres favoráveis e pareceres desfavoráveis. Alguns desses pareceres foram memoráveis por motivos positivos, enquanto outros marcaram pela incoerência, falta de contribuição, incivilidade e, até mesmo, hostilidade e preconceito contra o tema ou a abordagem adotada. A seguir são apresentados e discutidos alguns desses pareceres.

Bem, mas feito esses ajustes, **a partir de uma reflexão isenta**, o estudo poderá tornar-se revelador. Por agora, a pesquisa está em um estágio muito embrionário para o nível de exigência desse evento. [Parecerista de congresso nacional, Grifos nossos].

This is a very good submission in my judgement. The focus and aims are directly relevant to the conference and, especially, to the stream. The methods seem appropriate and the findings will be of interest to conference participants. The one area that I think could and needs to be strengthened is the focus on HRD practice and the implications for that arising from the study. Otherwise, I am very happy to recommend acceptance. [Parecerista de congresso internacional].

O primeiro parecer acima afirma que o artigo submetido em questão tem bastante potencial, mas precisa de “uma reflexão isenta”. Tal parecer é imbuído de uma lógica positivista de pesquisa que não necessariamente se aplica no caso das ciências sociais, em que o conhecimento é socialmente construído (Longino, 1990). Apesar de sermos ensinados que os métodos quantitativos nos permitem tal neutralidade, uma das grandes críticas feitas a tal pensamento positivista é de que “*the data do not confess*” – mesmo existindo a crença de que se torturados o bastante confessarão! – e ao escolher uma base teórica e desenhar hipóteses o pesquisador está trazendo seu viés, dado que o mesmo conjunto de dados, com outra base teórica ou não, pode ser utilizado para testar hipóteses diferentes e até contraditórias às propostas. Assim, a ideia de neutralidade não pode ser aplicada a tais pesquisas (Luttrell, 2009).

O segundo parecer refere-se exatamente ao mesmo artigo, contudo enviado a um congresso fora do Brasil. É perceptível a diferença entre os pareceres, visto que enquanto o primeiro demonstra um pensamento positivista aplicado a um trabalho realizado em uma tradição de crítica e o segundo entende a proposta de pesquisa e não pressupõe neutralidade na ciência.

A questão de temas de pesquisa, que encontraram reverberação ou que encontram resistência, precisa ser também endereçada. Temos aqui dois pareceres, de dois congressos em contabilidade, sobre a mesma proposta de pesquisa que trata da temática de gênero. A proposta trazia uma análise do fenômeno da feminilização da academia contábil, com um comparativo entre Brasil e Estados Unidos.

While the topic area was of some interest there was a pervading feeling of 'so what'. You need to create a hook to justify/establish the clear contribution to the literature and gender imbalance alone is not novel (**even if unacceptable**). The paper would benefit from extracting solid differences between two locations around broader issues that may have contributed to the lack of uptake in Brazil over time. Further if you wish to publish in the education field you will need to tie the paper better to the education literature, what is happening or has happened within education sector to restrain or encourage greater feminisation. [Parecerista de congresso internacional, Grifos nossos].

Tenho dúvidas sobre a importância e **validade** de estudos como esse. Não vejo interesse em pesquisas em investigar os motivos pelos quais, por exemplo, as **especializações médicas de proctologia e urologia** não terem maior participação feminina. [Parecerista de congresso nacional, Grifos nossos].

Chama a atenção o parecerista no segundo caso trazer o tema de validade sem aprofundar no que entende por validade além de sua própria simpatia ou antipatia por um tema. Também chama a atenção que remeta sua consideração a áreas como urologia e proctologia. Sem nos alongarmos do porquê a escolha dessas áreas para citar o “desinteresse” pela pesquisa sobre a presença das mulheres, curioso é perceber que sim, há pesquisas nessas áreas sobre a participação das mulheres. Ou seja, além de confessar seu preconceito, o parecerista acaba por revelar a sua ignorância.

Mas, o que é mais sério, com pareceres como esse e tendo a função de *gatekeepers*, revisores matam já no nascedouro temas que têm relevância social e que atraem a curiosidade de pesquisadores jovens, repercutindo sua opinião como um vaticínio, e deixando aflorar seu despreparo e ignorância. Retomando o primeiro parecer, vemos que cumpre o papel de ser crítico e apontar fragilidades, ao mesmo tempo que endereça possibilidades de aprofundamento. Ou seja, o revisor assegura o seu papel de *gatekeeper*, se permite até sua opinião sobre o assunto ao colocar que “even if unacceptable”, e constroem pontes para que a pesquisa avance qualitativamente referenciando a “extracting solid differences between two locations” e “need to tie the paper better to the education literature, what is happening or has happened within education sector to restrain or encourage greater feminization”. Ou seja, ao mesmo tempo em que é um *gatekeeper*, oferece pontes para o avançar, tornando-se um *gateway*.

Por fim, essa mesma proposta ganhou o prêmio de melhor trabalho, da temática e do evento como um todo, em um segundo congresso internacional. Até quando, como membros de uma comunidade de pesquisa, deixaremos que pareceristas raivosos impeçam boas propostas de pesquisa de vicejar e florescer?

Quanto às propostas de pesquisas que contaram com parcerias multidisciplinares, com apoio de pesquisadores da psicologia, por exemplo, não recebemos boas avaliações e que apresentaram uma má interpretação e falta de atenção dos avaliadores, no nosso entendimento. A seguir são apresentados alguns pontos:

Ela não vai gerar nenhuma ação dada a **desqualificação** da pesquisadora para conduzir a proposta.

A proposta poderia ser de uma **obra de ficção**.

Será que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) entende esta proposta, daria passar no mínimo por um comitê de ética por se tratar de uma obra "capaz de formar opinião", presta um desserviço. [Parecerista de órgão de fomento à pesquisa, com acesso à identificação dos proponentes, Grifos nossos].

Quanto a primeira frase, denotou a falta de atenção do avaliador e consideração ao ler a proposta, visto que o projeto foi composto por pessoas devidamente capacitadas para análise das questões levadas a discussão. Aqui também chama a atenção a incivilidade acadêmica, ao usar o termo “desqualificação” ao se referir à proposta apresentada por colegas.

A segunda frase denota a ignorância, no pior sentido da palavra, quanto à interação com o tema e à sensibilidade do avaliador para considerar as questões suscitadas em análise, enquanto um tema recente e preocupante na pós-graduação que trata de questões relacionadas a saúde mental de estudantes de pós-graduação. Entretanto, uma base teórica de fundamentação e justificativas foi desenvolvida no decorrer do projeto e embasada para apresentação da proposta. Mas, pelo que parece, evidências não são suficientes.

Além de sugerir, no momento proposto, uma lacuna de pesquisa existente, confirmada na fase de construção do projeto por professores de três áreas de pesquisa distintas (administração, ciências contábeis e psicologia), a proposta atendia a todos os pressupostos com o comitê de ética, necessários para pesquisas envolvendo seres humanos. Neste caso, a terceira frase, foi recebida com profundo pesar e indignação por parte da equipe de trabalho, que levou tempo para construção maciça de argumentos na busca de uma melhora

significativa da qualidade de vida das pessoas que serão os construtores da ciência contábil. Ou seja, a terceira frase demonstrou descuido e descaso. Desserviços à comunidade acadêmica prestam avaliadores e pareceristas que se comportem assim, emitindo pareceres apressados e descuidados, imbuídos de preconceitos e de uma leitura de mundo pessoal e restrita, fechada em sua caixa, em seu quadrado e, pior que isso, sem permitir que outras pessoas ousem e busquem respirar outros ares.

Além dos pareceres por escrito são diversos os relatos que ouvimos e vivenciamos acerca do abuso moral em congressos. Parece-nos ser comum que professores mais experientes utilizarem espaços públicos e pesquisadores em formação para massagearem seus egos a partir de humilhações públicas e críticas descabidas e desmedidas. Em nossa opinião os congressos deveriam constituir-se de um espaço seguro para reflexão, contribuição e trocas entre pesquisadores de diferentes especialidades e experiências. Um lugar para ousadia e para abertura. Um lugar para o erro honesto, para questionamento, para construção. Mas observamos os congressos tornarem-se ambientes hostis e incivis, pautados pela descordialidade, pela humilhação e pelos abusos morais em que são avaliados os autores, pessoalmente, e não as suas propostas de pesquisas.

Dessa forma, observa-se claramente que a academia tem rejeitado pesquisas que não sejam do “padrão” (modelo científico), não apresentem números, ou que não tratem da contabilidade como uma formadora de informações para ser utilizada por algum usuário. Observa-se que os avaliadores rejeitam pesquisas que tratem de pessoas envolvidas no processo contábil esquecendo que apesar de as empresas terem grande importância econômica, assim como seus dados financeiros, são as pessoas que produzem tais dados e tomam decisões com bases neles (Young, 2018).

É importante ainda destacar que nossa principal mensagem dessa discussão se resume a: O importante é a contribuição e não o aceite do artigo. Já tivemos artigos aceitos em congressos e periódicos que as contribuições se resumiam à revisão de vírgulas, crases e pontos finais ao mesmo tempo que tivemos rejeições que contribuíram e fizeram o trabalho avançar e crescer de maneira significativa. Se pudéssemos escolher teríamos o melhor dos dois mundos: o aceite com contribuições significativas, mas acreditamos que por mais decepcionante que seja receber uma negativa, quando esta é bem embasada e ajuda a refletir e avançar o trabalho é mais válida que um “aceite vazio”.

3.4. FINANCIAMENTO DAS PESQUISAS E DO PESQUISADOR: QUEM PAGA ESSA CONTA?

O ponto principal é a abertura, sem dúvida. É ter um olhar novo para os “sempre foi assim”. Então, sempre foi assim? Tem alguém questionando para o bem ou para o mal. E esse, eu acho, que é o lado bom. O lado bom é absorver novas pessoas, absorver novas ideias. Porque, se não existe nada muito estruturado, então, é fácil. Se você tem, no mínimo, uma ideia medianamente boa, ela rapidamente engata e tem espaço para ela se desenvolver.

(Principal gestor de um negócio interno falando da importância de questionar práticas já largamente estruturadas)

Diante de todo o contexto explorado sobre as pesquisas, dever-se-á ainda discutir uma questão de menor cunho científico, porém de grande impacto na preparação, divulgação e avaliação das pesquisas: o financiamento dessas e de seus pesquisadores. Conforme já discutido por Iudícibus e Martins (2015) as exigências nacionais para uma boa avaliação dos programas de pós-graduação (PPG) pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) é rigorosa, e estabelece um alto nível quanto a publicação científica, principalmente no que diz respeito à quantidade de publicações. Os PPG's, ao tentarem

conseguir as pontuações para chegar ou permanecer nesses níveis, tornam a vida dos pesquisadores quase insuportáveis.

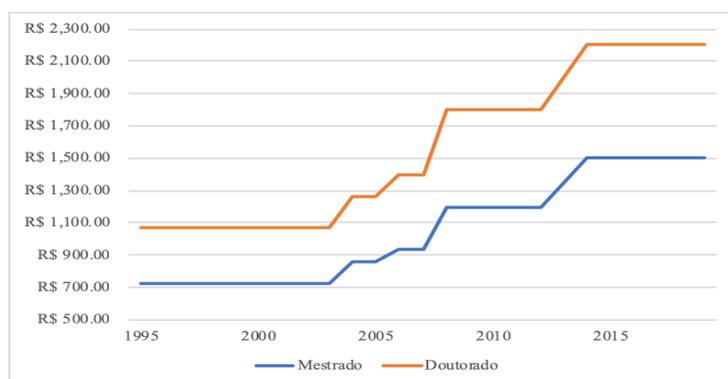
Estando dentro deste ambiente, os pesquisadores sentem-se constantemente cobrados para divulgar suas pesquisas, no sentido do “*Publish or Perish*” e, ainda pior, do “*Be cited or vanish*” (Law, Ye, Chen & Leung, 2009). Sendo assim, a divulgação deve ser realizada por meio de congressos, simpósios e periódicos. No entanto, as universidades dificilmente possuem recursos disponíveis para esses fins (Iudicibus & Martins, 2015). Nestas condições, diante da necessidade, ocorre a utilização de recursos próprios.

Os autores ressaltam a importância da participação de pesquisadores em congressos de contabilidade e de outras temáticas, certos de que esses, possibilitam a discussão de temáticas de pesquisa, a contribuição de pesquisadores de diferentes linhas nas pesquisas em desenvolvimento e conseqüentemente do *network* gerado por estes encontros. Porém, o que se destaca é que nem todos os pesquisadores, na maioria das vezes estudantes em formação, possuem os recursos para possibilitar essa participação. Dificilmente os professores e a coordenação dos programas de pós-graduação disponibilizam ou oferecem recursos como auxílio aos estudantes para que estes tenham sua introdução nos fóruns de discussão e a possibilidade da socialização com colegas. Porém, a maioria dos coordenadores de programa e dos orientadores cobra de seus alunos e orientados o envio das pesquisas para congressos.

Deixando de lado a análise regionalizada da questão, volta-se a discussão para um outro ponto, a divulgação global da pesquisa em contabilidade. É de conhecimento geral na comunidade científica que a língua global da pesquisa é o inglês, pois, segundo Hyland (2015) aproximadamente 95% das pesquisas científicas no mundo são desenvolvidas em inglês. Neste sentido, Hanauer e England (2011) encontraram na sua pesquisa que a experiência de desenvolver um artigo científico em inglês como uma pessoa não nativa na língua é significativamente diferente de o fazer na sua língua materna. E o processo é percebido como de maior dificuldade, gerando insatisfação e ansiedade.

Logo, pode-se tentar amenizar estas percepções de frustrações, submetendo o artigo a uma revisão do idioma, para que o pesquisador não tenha a pressão de escrever em inglês perfeito. Ou, ainda, traduzir a pesquisa completa do português para o inglês, tendo essa tradução feita por um profissional. Porém, quaisquer destes métodos acarretam em custos. E quem paga por estes custos? Quem paga essa conta? Novamente, a resposta é o aluno (bolsista ou não) ou o professor, ambos utilizando seus próprios recursos. A Figura 2 mostra o reajuste das bolsas do CNPq desde 1995 até 2019, tanto para mestrado quanto para doutorado.

Figura 2 – Reajuste de Bolsas do CNPq e CAPES entre 1995 e 2019



Fonte: Junta (2017)

Como mostra a análise da Figura 2, os recursos para bolsas não têm reajuste desde março de 2013. Os valores das bolsas estão congelados em 1.500 reais para mestrado e 2.100

reais para doutorado. Considerando o cenário da área de contabilidade, é muito comum que os estudantes tenham que se deslocar para outras cidades ou, até, estados para realizar o mestrado e o doutorado. Assim, as bolsas, nos patamares em que estão, são insuficientes para a sobrevivência dos bolsistas. O que dirá para arcar com custos de inscrição, viagem e acomodação para participar de congressos? Outro ponto de reflexão é que, com esses valores de bolsas, a academia não é uma opção de carreira, não pode ser considerada profissão. É, na verdade, um voto de pobreza.

4. REFLEXÕES FINAIS: AFINAL DE CONTAS, PESQUISAR PRA QUÊ?

Diante das discussões aqui levantadas acerca da frágil formação provida pelos programas de pós-graduação na nossa área, o preconceito acadêmico enfrentando por temas e métodos não tradicionais, a rigidez e hostilidade contidas em diversas avaliações e discussões e falta de financiamento para a produção e divulgação de pesquisas nos indagamos: afinal de contas, pesquisar pra quê?

A pesquisa em contabilidade se desenvolveu significativamente nos últimos anos, demonstrando valiosas contribuições que objetivaram melhorar a área contábil. Contudo, discute-se – como já destacado – uma possível estagnação da área, sobre a qual recaem a responsabilidade de não obtermos avanço significativo com nossas pesquisas (Moser, 2012; Basu, 2012).

Fica evidente aos pesquisadores que muito se pesquisa atualmente – por vontade própria dos pesquisadores ou incentivos/cobranças de suas universidades –, mas muito raramente aparecem novos tópicos, métodos, metodologias e paradigmas nas edições dos *top journals* da contabilidade, a maioria é limitada e direcionada a um grupo de pesquisadores (Sterling 1976; Garcha et al. 1983; Flesher 1991; Heck & Jensen 2007). Em suma a maioria das pesquisas são relacionadas a qualidade da informação, previsão de analistas/gerentes, remuneração, regulamentação, governança, orçamento, entre outros temas tradicionais área (Moser, 2012). Contudo, se tanto se pesquisa como estamos – indiscutivelmente – estagnados?

Para Basu (2012) as pesquisas abordam tendências tão tribais que a alegria de apreciar tais trabalhos diminuiu. Iudicibus e Martins (2015) ainda destacam que são tão marginais as pesquisas atuais que se esqueceu de desenvolver trabalhos teóricos que busquem desenvolver uma teoria própria da contabilidade. Adicionalmente, as contribuições das pesquisas são tão específicas que não conseguem realmente causar impacto na prática da profissão, não alcançando uma ligação entre teoria e prática. Além do fato de que a triplicação – ou mais – do papel do professor/pesquisador/aluno seja tanta que nem se possui tempo e folego para se empenhar em mudar tais questões.

Assim pergunta-se: “pesquisar por quê, para quê, e o quê?”. Estamos, nós acadêmicos (professores, alunos, pesquisadores), pesquisando pelos motivos certos? As tímidas pesquisas recentes sobre temáticas ligadas a neurociência (Dickhaut et al. 2010; Birnberg & Ganguly 2012), comportamento e psicologia, entre outras, abrem nosso horizonte para a inovação, a contribuição efetiva de aspectos novos para com a contabilidade. Porém, o motivo pelo qual pesquisamos não é o interesse pessoal de contribuir para área do conhecimento, e sim o fato de que somos regulados, avaliados e julgados pela quantidade e qualidade das pesquisas que desenvolvemos. Isto responde o “por quê”, porém para que pesquisamos?

No momento, pesquisamos para que tenhamos bom conceito na disciplina do mestrado/doutorado, para que a avaliação do curso de pós-graduação pelos órgãos reguladores seja satisfatória, para sermos reconhecidos na comunidade como bons pesquisadores. Porém, deveríamos estar pesquisando para alcançar objetivos maiores, como a diminuição do distanciamento entre a pesquisa e a prática contábil, Iudicibus e Martins (2015) comentam que

A comunidade contábil não é composta somente por acadêmicos pesquisadores, tampouco por elaboradores, reguladores e auditores. Ela é a soma desses dois lados. Mas nos parece que há uma cisma entre esses dois mundos que tem sido incrementada diariamente pelo pensamento acadêmico do publique ou pereça: os trabalhos acadêmicos cada vez mais bem fundamentados metodologicamente e cada vez mais distantes da realidade prática, gerando um conhecimento acadêmico exclusivo para a academia; e a prática, até mesmo por não ter respaldo da academia, desenvolve as normas contábeis sem seu apoio.

Além das críticas acerca do distanciamento entre a pesquisa e a prática contábil e a estagnação da área, existe a não divulgação dos resultados de pesquisas para a sociedade – principal financiadora das universidades públicas e a maioria dos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Além disso, as demandas de internacionalização enfrentadas pelas universidades acaba exportando todo conhecimento financiado pela sociedade brasileira para periódicos internacionais usualmente escritos em língua inglesa, de grandes casas editoriais que cobram a submissão e o acesso ao artigo.

Além da não devolutiva à sociedade brasileira é importante reconhecer que, se o desenvolvimento da teoria e dos trabalhos teóricos não tem sido o ideal nestes últimos anos, também não se deve renunciar ao futuro promissor da pesquisa teórica. Há muito a construir, todavia, e temos que acelerar demais a fim de estarmos em paz com que a sociedade exige e espera dos teóricos e pesquisadores. Temos que observar que as pesquisas empíricas não têm faltado. Talvez não tenhamos sabido tirar desses milhares de trabalhos uma tendência central, ou talvez essa não exista.

Ressaltando as inquietações discutidas quanto ao formato geral apresentado nas pesquisas, estas não são pertinentes apenas a uma área da contabilidade, como a financeira por exemplo, e sim a todas elas. Analisando a área gerencial, como podemos abordar assuntos gerenciais, que depende tão exclusivamente do comportamento das pessoas, sem considerar está temática? De que modo sabemos que estamos encontrando e analisando de forma correta os resultados das pesquisas se temos como parte da gestão indivíduos com formações diferenciadas, que nem sempre são exclusivamente de ciências contábeis.

A contabilidade comportamental tão discutida atualmente, como tem-se certeza que o comportamento analisado nas pesquisas não é o usual/padrão dos indivíduos naquelas posições e funções. Como pode ter-se noção com as mudanças constantes do ambiente que tais traços são normais aos indivíduos? Por fim, é relevante praticamente saber como o comportamento afeta o trabalho contábil? E se sim, o que se pode fazer efetivamente para mudar isso? Como se ter certeza da reação dos indivíduos para com alguma atitude tomada?

Se não estamos contribuindo para a sociedade que financia nossas pesquisas e estudos, não estamos avançando nossa própria área o que estamos fazendo? É preciso repensar o objetivo da pesquisa contábil e novas formas de divulga-la, fugindo das formas tradicionais pautadas pela linguagem formal e quase incompreensível pelos “não iniciados”, é preciso parar de falar “contabilês” e falar igual gente. Periódicos nacionais e internacionais já têm iniciado o movimento de desenvolver novas maneiras de divulgar os resultados de pesquisa – seja por meio de vídeos, seminários, *podcasts* ou infográficos e até mesmo revistas em quadrinhos.

Corroborando à essa discussão, Basu (2012) sugere que a contabilidade deve ser mais acessível para profissionais, leigos, colegas acadêmicos e interessados, disponibilizando as informações de forma mais explicativa. Diante de todas as reflexões apontadas, mantém-se o “pesquisar pra quê?”. Faça-se essa pergunta. Pesquisamos pelos motivos certos? Ou pesquisamos por que precisamos? Após todos estes olhares, de inovação, interdisciplinariedade, em um mundo inteiro de pesquisas diferenciadas e empolgantes a serem descobertas, você pesquisa o que gosta? Ou o que precisa?

REFERÊNCIAS

- Abbott, A. D. (2001). *Chaos of disciplines*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Altoé, S. M. L., Fragalli, A. C., & Espejo, M. M. D. S. B. (2014). A “dor do crescimento”: um estudo sobre o nível de estresse em pós-graduandos de contabilidade. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 7(1), 213-233.
- Andere, M. A., & Araujo, A. M. P. De. (2008). Aspectos da formação do professor de ensino superior de ciências contábeis: uma análise dos programas de pós-graduação. *Revista Contabilidade & Finanças*, 19(48), 91–102
- Araujo, B. C., & Davel, E. (2018). Autoetnografia na Pesquisa em Administração: Desafios e Potencialidades. *CIAIQ2018*, 3.
- Basu, S. (2012). How can accounting researchers become more innovative? *Accounting Horizons*, 26(4), 851–870.
- Beattie, V., & Davie, E. (2006). Theoretical studies of the historical development of the accounting discipline: A review and evidence. *Accounting, Business and Financial History*, 16(1), 1–25.
- Birnberg, J. G., & Ganguly, A. R. (2012). Is neuroaccounting waiting in the wings? An essay. *Accounting, Organizations and Society*, 37(1), 1-13.
- Boje, D., & Tyler, J. A. (2009). Story and narrative noticing: Workaholism autoethnographies. *Journal of Business Ethics*, 84(2), 173-194.
- Botes, V. (2018). An inside look at the process of diversity in a South African accounting department in recent decades. *Accounting History*, 23(1–2), 151–171.
- Bourdieu, P. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: _____. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b. p.17-58.
- Nova, S. P. C. C. (2014). Contabilidade das mulheres na universidade brasileira: lucros e perdas, ingresso e permanência. Tese de Livre Docência, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Chua, W. F. (1986). Radical developments in accounting thought. *Accounting review*, 601-632.
- Collins, P. H. (2017). What's in a name? Womanism, Black feminism, and beyond. *Cadernos Pagu*, (51).
- Costa, F. J., Sousa, S. C. T., & Silva, A. B. (2016). Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 11(25), 823–852.
- Courpasson, D. (2013). On the erosion of ‘passionate scholarship’. *Organization Studies*, 34(9), 1243-1249.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2005). *The Sage handbook of qualitative research*. Sage.
- Dickhaut, J., Basu, S., McCabe, K., & Waymire, G. (2010). Neuroaccounting: Consilience between the biologically evolved brain and culturally evolved accounting principles. *Accounting Horizons*, 24(2), 221-255.
- Ellis, C. and Bochner, A.P. (2000), “Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject”, in Denzin, N.K. and Lincoln, Y.S. (Eds), *Handbook of Qualitative Research*, Sage, Thousand Oaks, CA, pp. 733-68.
- Farias, M. R. S., & Farias, K. T. R. (2014). Papel epistemológico da teoria e pesquisa em contabilidade. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 33(3), 121-135.
- Flesher, D. L. (1991). *The third-quarter century of the American Accounting Association, 1966-1991*. American Accounting Association.
- Fox, K. A. (2018). The manufacture of the academic accountant. *Critical Perspectives on Accounting*, 57, 1–20.

- Fragoso, A. R., Ribeiro Filho, J. F., & Libonati, J. J. (2006). Um estudo aplicado sobre o impacto da interdisciplinaridade no processo de pesquisa dos doutores em contabilidade no Brasil. *Revista Universo Contábil*, 2(1), 103-112.
- Garcha, B. S., Harwood, G. B., & Hermanson, R. H. (1983). A study of the readership of The Accounting Review. *Journal of Accounting Education*, 1(2), 21-39.
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, 1-12.
- Granof, M. H., & Zeff, S. A. (2008). Research on Accounting Should Learn from the Past. *Chronicle of Higher Education*, 54(28).
- Hanauer, D. I., & Englander, K. (2011). Quantifying the burden of writing research articles in a second language: Data from Mexican scientists. *Written Communication*, 28(4), 403-416.
- Haynes, K. (2011). Tensions in (re)presenting the self in reflexive autoethnographical research. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 6(2), 134-149.
- Healy, P. M., & Palepu, K. G. (2001). Information asymmetry, corporate disclosure, and the capital markets: A review of the empirical disclosure literature. *Journal of accounting and economics*, 31(1-3), 405-440.
- Heck, J. L., & Jensen, R. E. (2007). An analysis of the evolution of research contributions by The Accounting Review, 1926-2005. *Accounting Historians Journal*, 34(2), 109-141.
- Holthausen, R. W., & Watts, R. L. (2001). The relevance of the value-relevance literature for financial accounting standard setting. *Journal of accounting and economics*, 31(1-3), 3-75.
- Hopwood, A. G. (2007). Whither Accounting? *The Accounting Review*, 82(5), 1365-1374.
- Iudícibus, S., & Martins, E. (2015). Estudando e pesquisando teoria: o futuro chegou? *Revista Universo Contábil*, 11(1), 06-24.
- Iudícibus, S., Ribeiro Filho, J. F., Lopes, J. E. G., & Pederneiras, M. (2011). Uma reflexão sobre a contabilidade: caminhando por trilhas da “teoria tradicional e teoria crítica”. *Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS*, 8(4).
- Iudícibus, S., Martins, E., & Carvalho, L. N. (2005). Contabilidade: Aspectos Relevantes. *Revista de Contabilidade e Finanças, Mai-Ago 20(38)*, 7-19.
- Jaime Junior, P. (2003). Pesquisa em organizações: por uma abordagem etnográfica. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 3(2), 435-456. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2003.2.129>
- Johnson, C. R., & Eaves, K. L. (2013). An ounce of time, a pound of responsibilities and a ton of weight to lose: An autoethnographic journey of barriers, message adherence and the weight-loss process. *Public Relations Inquiry*, 2(1), 95-116.
- Junta, C. (2017). *Quando serão reajustadas as bolsas?* Recuperado em 15 de janeiro, 2018, em: <http://www.anpg.org.br/quando-serao-reajustadas-as-bolsas/>
- Kempster, S., & Gregory, S. H. (2017). ‘Should I Stay or Should I go?’ Exploring Leadership-as-Practice in the Middle Management Role. *Leadership*, 13(4), 496-515.
- Laffin, M., & Gomes, S. M. da S. (2016). Formação Pedagógica do Professor de Contabilidade: O Tema em Debate. (Portuguese). *Education Policy Analysis Archives*, 24(77), 1-31.
- Law, R., Ye, Q., Chen, W., & Leung, R. (2009). An analysis of the most influential articles published in tourism journals from 2000 to 2007: A Google Scholar approach. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 26(7), 735-746.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2007). O sujeito coletivo que fala. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 10(20), 517-524.
- Lima, F. D. C., Oliveira, A. C. L., Araújo, T. S., & Miranda, G. M. (2014). O choque com a realidade: dormi contador e acordei. *Revista Iberoamericana Sobre Calidad, Eficacia y Cambio En Educación - REICE*, 13(1), 49-67.

- Lima, J. P. R.; Farias, R. S.; Vendramin, E. O. & Casa Nova, S. P. C. (2017). “Ensina-me a orientar”: o papel da relação de orientação na construção do ser orientador. In *Anais do XX Semead*.
- Lima, J. P. R.; Vendramin, E. O.; Casa Nova, S. P. C. (2018) Identidades acadêmicas em uma era de produtivismo: o (des)alojamento das mulheres contadoras. In *Anais do XLII Encontro da Anpad*.
- Longino, H. E. (1990). Science as social knowledge: Values and objectivity in scientific inquiry. Princeton University Press. Cap. 1: Good Science, Bad Science. 15 pages
- Luckett, R. (2017). *The White Generals: An Account of the White Movement and the Russian Civil War*. Routledge.
- Luttrell, W. (2009). Qualitative Educational Research: Readings In Reflexive Methodology And Transformative Practice. Routledge. Cap. 5: Seeing through Science.
- Malsch, B., & Tessier, S. (2015). Journal ranking effects on junior academics: Identity fragmentation and politicization. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 84–98.
- Martins, E., & Iudícibus, S. de. (2007). Editorial: 30 anos do doutorado em contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 1103.
- Martins, E. (2005). Editorial: normativismo e/ou positivismo em contabilidade: qual o futuro? *Revista Contabilidade & Finanças*, 16(39), 3–3. Martins, E. A. (2012). *Pesquisa Contábil Brasileira: Uma análise filosófica*.
- Mendonça Neto, O. R., Riccio, E. L., & Sakata, M. C. G. (2016). Una conversación con Marina Garcés. *Re-Visiones*, 0(6), 62–73.
- Merchant, K. A. (2010). Paradigms in accounting research: A view from North America. *Management Accounting Research*, 21(2), 116–120.
- Mintzberg, H. (2006). *MBA? Não, obrigado: Uma visão crítica sobre a gestão e o desenvolvimento de gerentes*. Bookman.
- Moizer, P. (2009). Publishing in accounting journals: A fair game? *Accounting, Organizations and Society*, 34(2), 285–304. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2008.08.003>
- Moser, D. V. (2012). Is Accounting Research Stagnant? *Accounting Horizons*, 26(4), 845–850.
- Pelger, C., & Grottke, M. (2015). What about the future of the academy? - Some remarks on the looming colonisation of doctoral education. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 117–129.
- Raineri, N. (2013). The PhD program: between conformity and reflexivity. *Journal of Organizational Ethnography*, 2(1), 37–56.
- Raineri, N. (2015). Business doctoral education as a liminal period of transition: Comparing theory and practice. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 99–107.
- Rebele, J. E., & St. Pierre, E. K. (2015). Stagnation in accounting education research. *Journal of Accounting Education*, 33(2), 128–137.
- Souza, M. A., Machado, D., & Bianchi, M. (2011). Um perfil dos programas brasileiros de pós-graduação stricto sensu em Contabilidade. *Revista De Educação E Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 5(2), 68-96. <https://doi.org/10.17524/repec.v5i2.344>.
- Sterling, R. R., & Jones, J. H. (1976). Accounting at the Crossroads. *Journal of Accountancy* (pre-1986), 142(000002), 82.
- Young, J. J. (2018). What it means to be critical. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, 13–14. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.08.004>